

## **A INSERÇÃO DE CRIANÇAS NA CRECHE: UM ESTUDO SOBRE A PERSPECTIVA DOS PAIS**

BHERING, Eliana – UFRJ – eliana.bhering@terra.com.br

SARKIS, Alessandra – UFRJ – alessandrasarkis@gmail.com

GT: Educação de Crianças de 0 a 6 anos / n.07

Agência Financiadora: Sem Financiamento

### **Revisão de literatura**

Vivemos atualmente mudanças significativas no que diz respeito ao funcionamento e estrutura familiares. Em decorrência destas mudanças, principalmente no que diz respeito à educação de crianças pequenas, nossa sociedade tem se organizado de maneira a atender estas novas demandas. Neste cenário, considera-se a importância de creches e pré-escolas não só como parte da educação básica (LDB, 1996), mas também como uma política que atua como apoio às famílias. É fato que muitas famílias, hoje, compartilham com a Educação Infantil (EI) a educação de seus filhos, no entanto não é possível retomar o assistencialismo como resposta a estas novas demandas. Mantovani (2002) chama atenção para o fato de as creches terem sido o primeiro grande serviço oferecido às famílias com crianças. No Brasil, Rossetti-Ferreira *et al.* (1994) apontam para a diminuição da rede social de apoio como parentes e vizinhos e do número de pessoas por família como pontos importantes para a busca por creches. A parceria escola-família amplia a relação entre as duas instâncias, contribuindo para o desenvolvimento saudável das crianças. Bronfenbrenner (1985, 1988, 1989) propõe a compreensão do desenvolvimento humano a partir de sistemas complexos (micro, meso, exo e macro-sistema) que interagem com o indivíduo ao longo do curso de vida. O desenvolvimento se dá na interação das pessoas em seus ambientes imediatos e remotos, de forma que a pessoa afeta o ambiente e vice-versa formando uma cadeia de interações. Compartilhar a educação dos filhos significa ampliar estes ambientes e, essencialmente, participar daqueles que não lhes são imediatos, tal como as creches que são um espaço importante para crianças. Bronfenbrenner (1998) chama a atenção para o fato de que estas novas iniciativas têm impacto na vida das pessoas envolvidas, criando assim novos desafios e crescentes oportunidades de desenvolvimento. A trajetória de desenvolvimento é muito importante e o cuidado na preparação dos ambientes (como espaço subjetivo também) o centro da questão.

Mesmo tendo as creches sido uma importante conquista política para as famílias e crianças, há ainda uma série de questões relativas à educação de crianças pequenas fora do lar que precisam ser discutidas. Uma delas é a relação pais-criança que toma novo formato a partir da vivência da separação, hoje em dia, ainda mais cedo do que há algumas décadas atrás. De acordo com Rossetti-Ferreira *et al.* (1994), o período da entrada da criança em uma creche é um momento crítico para todos os envolvidos. No que se refere à díade mãe-bebê, há a passagem de um ambiente doméstico e íntimo, para um coletivo com ampliação de hábitos e relações sociais. Trata-se na realidade da primeira transição, de casa para o ambiente escolar com todas as repercussões de um grande evento na vida dos indivíduos. Os pais, então, começam a experimentar sentimentos que os confundem e amedrontam.

Bowlby (1984a) apresenta sua obra onde valoriza a relação cuidador/criança por meio dos processos de apego e de separação. Estes processos ocorrem em etapas, sendo que a criança no primeiro ano de idade inicialmente reage ao ser colocada no berço e posteriormente, reage quando a mãe ‘desaparece’ de sua vista. Num outro momento, estando entretido em uma atividade, o bebê percebe após algum tempo que sua mãe saiu e então protesta. A partir de então, o bebê parece ficar bastante atento à possibilidade de ausência da mãe, vigiando-a. Por volta dos doze meses, o bebê torna-se capaz de prever a partida da mãe a partir de alguns comportamentos dela. A partir do terceiro ano de idade parece haver uma mudança no comportamento de apego: a criança já aceita a ausência temporária da mãe, participando de atividades com outros adultos. Isto ocorre de forma abrupta, sugerindo a conquista de uma maturidade nesta idade.

Considerando a teoria de Bowlby (1984a), antes do terceiro ano, a criança ainda não adquiriu a maturidade para enfrentar a ausência da mãe, mesmo que temporária, e isto a aterroriza. Apesar de Bowlby defender que a separação do cuidador principal deva ser a partir dos três anos de idade, a literatura atual, especialmente a de inserção (Blatchford *et al.*, 1984; Mantovani & Terzi, 1998; Mantovani, 2002), nos indica maneiras de superar as dificuldades que ambos, crianças e pais – possam vir a vivenciar no processo de separação ao entrar para a educação infantil. É importante, senão essencial, que se construa uma parceria entre a família e a escola, para que juntos possam realizar esta transição. O que se busca através dos processos de inserção é lidar com possíveis sofrimentos, tornando o novo ambiente o mais familiar possível para todos e possibilitando que as crianças possam escolher figuras de apego substitutas na

creche, favorecendo sua segurança. Segundo Almeida (2002) a entrada de uma criança para uma creche representa, na realidade, a inserção de toda uma família.

A literatura nos mostra que o primeiro ano de vida é uma época crítica para a entrada em creches quando comparado a outros períodos (Varin *et al.*, 1996 *apud* Rapoport & Piccinini, 2001a). Apesar de ser este um período delicado para a família, investigações sobre possíveis efeitos negativos da entrada precoce de crianças em creches têm demonstrado que, quando o atendimento dado à criança é de boa qualidade, não existe uma diferença significativa no ingresso de crianças pequenas nem de maiores, não havendo, portanto, implicações negativas no desenvolvimento infantil (Rapoport & Piccinini, 2001b). Não há, no entanto, pesquisas que indiquem a relação entre a vivência dos pais e seus filhos durante o período de inserção e o bem-estar das crianças após este período. Pouco se discute a respeito das vivências dos pais nesta etapa e sobre a influência desta primeira separação no trabalho da creche. A relação pais-filhos-escola precisa ser estudada de forma a considerar as repercussões sobre o nível de bem-estar das crianças na creche, mas também o dos pais e professores.

Rinaldi (2002) enfatiza a que a educação infantil é um serviço integrado à família e por isso nossas ações precisam estar conectadas para que o atendimento às crianças atenda as demandas, entenda e acolha as vivências da família no momento da inserção.

No mundo ocidental, a família parece sentir-se solitária desde o momento em que a criança nasce. A creche é o lugar que dá apoio à família e aos cidadãos de um novo século, de um novo futuro. A nossa geração pode ajudar a determinar o futuro de nossas crianças. Esta é a razão pela qual não somente devemos trabalhar juntos a fim de entender o que devemos fazer pelas crianças, mas também pedir a elas que se tornem bons pais e bons professores e que formem uma boa sociedade (Rinaldi, 2002. pp.79-80).

Partindo da importância da relação inicial entre a criança e um cuidador, podemos refletir sobre formas de inserir a criança com menos de três anos de idade na escola, de modo que ela possa construir relações positivas que não gerem prejuízo para a relação com sua figura de apego principal. Estender as relações da criança pequena para além dos limites do lar e desta relação de um para um (mãe e bebê) é um desafio para as instituições de educação infantil. O desafio se traduz na construção de relações positivas durante as fases em que as crianças atravessam entre 4 meses e 3 anos.

O momento da entrada de uma criança em uma creche é acompanhado de diversos sentimentos. É, na maioria das vezes, o primeiro momento em que os pais compartilham de fato os cuidados de seus filhos com pessoas não familiares. Os pais costumam experimentar sentimentos de alegria, pelo fato de poderem retomar suas vidas profissionais, mas por outro lado, vivem sentimentos de culpa, medo e insegurança, por estarem delegando aos outros o que gostariam de alguma maneira fazer por seus filhos. De acordo com Oliveira *et. al.* (1992), a dificuldade dos pais no que se refere a colocar seu filho na creche está relacionada com a idéia de que cabe a família os cuidados e a educação de crianças pequenas. Estes valores ainda estão muito presentes na sociedade atual. Quanto menor a criança, maior a probabilidade de os pais vivenciarem uma desestruturação emocional, mesmo que temporariamente.

É comum ouvir em escolas de EI que os pais têm dificuldades em compartilhar os cuidados dos filhos e que eles atrapalham a criança no momento da inserção. Tensões na relação professor-pais nascem nesta altura e não favorecem a construção nem a compreensão de parceria. Mantovani e Terzi (1998) enfatizam que é preciso que os pais sintam-se seguros e satisfeitos, evitando assim a construção de mensagens de “duplo laço”, que prejudicam a construção de novas relações por parte da criança. A escola, neste momento, se responsabilizará pelo processo de inserção que considera a manutenção (ou criação) de uma relação segura e confiável.

A construção da parceria tem como base a confiança e o respeito mútuo, possibilitando trocas de informações, sobretudo no que diz respeito ao interesse das crianças. De acordo com Post e Hohmann (2003), partilhando informações e participando conjuntamente de atividades, a família e a escola podem criar um ambiente de apoio para o desenvolvimento infantil. Pontuam ainda que o objetivo maior de uma escola de EI é fortalecer as relações entre professores e pais, apoiando-as. A abordagem High/Scope (Post e Hohmann, 2003) defende que a prática de uma comunicação aberta, a tomada de decisões construída com os pais e o planejamento de ações que possam apoiar cada criança são estratégias que colaboram para uma educação de qualidade. Mantovani e Terzi (1998) citam a importância da presença dos pais em sala durante o período de inserção. Ressaltam que neste momento as trocas elucidam sobre os hábitos de cada instância individualmente. De acordo com Oliveira *et. al.* (1992), quando a creche se fecha à participação dos pais, as desconfianças e as culpas tendem a aumentar e as relações passam a ser tensas e desgastantes com conseqüências para as crianças.

O modelo das pirâmides invertidas de Hornby (1990) demonstra a natureza da parceria entre pais e professores/escola reconhecendo que as demandas familiares variam e que por outro lado, suas habilidades também. Uma das pirâmides se refere às necessidades dos pais e a outra suas habilidades e possíveis contribuições, demonstrando que os pais podem participar do processo educacional de seus filhos de forma diferenciada.

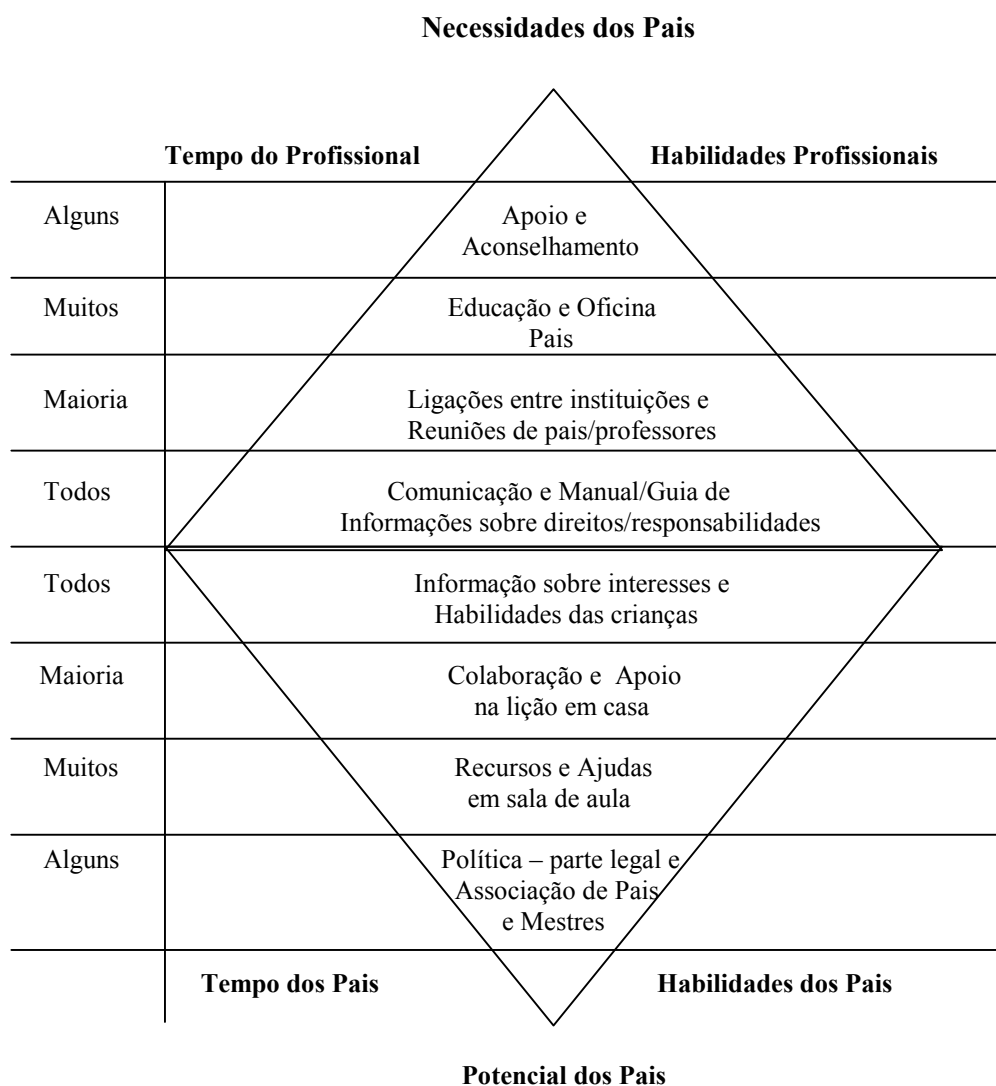


Figura I: Modelo de envolvimento de pais.  
Fonte: Hornby, G. (1990)

O modelo mostra que enquanto todos os pais têm algumas necessidades e habilidades que podem ser utilizadas, outros podem se envolver em atividades que demandam mais tempo e mais expertise da parte dos profissionais; um número menor deles tem uma necessidade intensa de orientação, ou,

por um outro lado, a capacidade de contribuir extensamente e em muitas coisas diferentes (Hornby, 1990, p. 248).

A entrada de uma criança na creche é um momento delicado e vivenciado pelos pais de maneira diferente, portanto o modelo de Hornby nos ajuda a ampliar o conceito de parceria. Para o acolhimento das crianças e seus pais, a escola deve observar e reconhecer as possíveis contribuições e vivências de cada família. A partir daí, é possível traçar a parceria. Bhering e De Nez (2002) e Bhering e Machado (2004) defendem que este é o caminho para o envolvimento de pais, tendo como meta reconhecer que os sentimentos de desconfiança e culpa percebidos pelos professores fazem parte de uma etapa do processo de construção da parceria. Bove (2002) parece corroborar com a idéia:

O principal indicador de acolhimento que os pais podem receber é o fato de serem convidados a passar o maior tempo possível na creche. À medida que os pais e o professor vão familiarizando-se entre si, também vão criando vínculos, e a criança se beneficiará desses vínculos cada vez mais estreitos entre professores e pais (BOVE, 2002, p. 136).

Não há dúvidas, nem na literatura nacional e internacional, nem nos documentos oficiais brasileiros de que a parceria com os pais só tende a facilitar o trabalho tanto da escola como da família. A verificação de que há impedimentos iniciais para o desenvolvimento desta parceria nos força a rever práticas tradicionais em que pais não são permitidos em sala ou nas premissas da escola e que eles devem se contentar em conhecer suas normas e regras (cabendo a eles apenas segui-las). O que ainda nos falta refletir é sobre a questão do impacto destas entradas na creche e da inclusão de novos adultos na educação de crianças pequenas. Já admitimos que uma desestabilização emocional acontece e que algo deve ser feito para acolher os sentimentos das pessoas envolvidas, e neste caso, os dos professores também é de extrema importância. Reflexões como esta a que se propõe este artigo deve ter impacto para políticas públicas, principalmente porque a literatura ainda é incipiente sobre o impacto da ampliação das relações das crianças nesta etapa da vida. O que se sabe e admite é sobre a necessidade deste atendimento em decorrência do que as mudanças sociais têm provocado.

## **Metodologia**

A pesquisa foi realizada em uma escola de educação infantil universitária e teve como objetivo principal investigar a visão sobre Educação Infantil e os sentimentos vividos pelos pais quando da inserção de seus filhos na creche. Dezoito pais que haviam participado do processo de inserção de seus filhos no berçário e maternal no mês de março de 2005 foram convidados. Destes, oito participaram, sendo quatro da turma de berçário e quatro do maternal. O convite para a pesquisa foi nominal a ambos os pais. Seis mães, um pai e um casal compareceram para a entrevista.

Para a realização da pesquisa, conduzimos entrevistas de caráter qualitativo, utilizando um questionário com perguntas abertas (baseado em Bhering, 2000; Bhering & De Nez, 2002; Bhering & Machado, 2004; Epstein & Dauber, 1991), versando sobre os sentimentos vivenciados pelos pais nos momentos da entrada da criança na escola, assim como suas crenças acerca da instituição escolar. O vídeo produzido nos primeiros dias de inserção da criança na escola também foi utilizado para obter dados sobre a vivência em si do processo, além do relato dos pais.

A análise dos dados da entrevista foi conduzida de acordo com Miles e Huberman (1994) que nos sugere um procedimento de organização dos dados a partir de, primeiramente, identificação de temas para aí, compreender qual é a relação e dinâmica entre eles revelando então a visão e perspectiva dos entrevistados. Após esta primeira análise, os dados do vídeo foram trazidos para ampliar a discussão. Os episódios dos vídeos foram selecionados (especialmente os episódios que incluíam os entrevistados) e transcritos para que a análise dos dados fosse realizada conforme planejada. Os dados das filmagens trouxeram elementos que enriqueceram a discussão dos dados e a relação entre os temas. A utilização de entrevistas possibilitou que os pais revelassem seus pontos de vista, falassem sobre seus sentimentos e por meio das filmagens, capturaram-se os momentos vividos de maneira espontânea. Para analisar o conjunto de dados, utilizou-se a triangulação que é um recurso que permite a análise e interpretação de dados a partir de diferentes perspectivas. Neste caso, permitiu visualizar as opiniões e visões dos pais sobre a questão abordada assim como as suas atitudes e posturas durante o período da inserção de seus filhos. Os dados foram manuseados a partir transcrições, descrições e agrupamentos e categorização, buscando a relação existente entre o que era feito e sentido pelos pais.

## **Análise**

A Educação Infantil, hoje em dia, parece fazer definitivamente parte da vida das famílias e é motivo de discussão antes mesmo dos filhos chegarem. O recurso é considerado como uma importante iniciativa e passa a ser integrado à dinâmica familiar. As opiniões sobre a melhor idade para ingresso na educação infantil variam, mas a grande maioria concorda que entre um arranjo caseiro e a instituição de EI, o mais seguro seria a segunda. A crença de que a Educação Infantil é uma opção da família que trará benefícios para os filhos e a necessidade de continuar a vida profissional são dois aspectos determinantes na decisão dos pais sobre esta questão.

Todos os pais entrevistados mencionaram os aspectos práticos, racionais e emocionais sobre a decisão de colocar seus filhos na creche. Mesmo diante da insegurança em compartilhar com o desconhecido a intensa tarefa de educar e cuidar de seus filhos, os pais apontam que a EI é, de fato, uma conquista coletiva e um espaço importante e adequado para as crianças pequenas. Profissionais qualificados, estrutura planejada para o recebimento de crianças, atividades pertinentes e programadas e relações equilibradas entre adultos e crianças são algumas das justificativas para a decisão final de optarem pela EI ao invés de arranjos caseiros e não profissionalizados. Estão convencidos de que a EI é uma estrutura de apoio e suporte aos pais, principalmente no que diz respeito à adequação do ambiente para grupos de crianças. Como será este apoio? Do que se trata? Será uma divisão de responsabilidades ou um compartilhar de ações para construção de ambientes que fomentam as relações da infância?

A dinâmica entre o pensar sobre a entrada do filho na creche e os sentimentos vividos são apresentados abaixo. Há claramente uma mistura de sentimentos quando se trata da separação dos filhos especialmente enquanto são ainda bebês. A separação do bebê logo após o vencimento da licença maternidade vem acompanhada de muito sofrimento. Achar uma instituição que atenda as expectativas dos pais traz sensações positivas, mas quando chega a hora de deixá-los, sentimentos confusos e conflitantes surgem trazendo vivências difíceis de enfrentar. O que encontram na EI no período de inserção dos bebês pode intensificar o que estão vivendo afetando não só a dinâmica familiar, mas também a relação com a escola e principalmente com os professores.

<b>Argumentações</b>	<b>Sentimentos</b>
Sentir que há possibilidade de boa educação	Felicidade
Ter os filhos na creche	Pressão (necessidade ou opção)



Conseguir a vaga	Alívio
Localização da EI	Calma
Profissionais qualificados; atividades planejadas	Segurança
Socialização e trocas entre crianças	Satisfação
Desenvolvimento integral fomentado	Tranquilidade
Relação professor – crianças	Confiança
Construção da autonomia e independência da criança	Expectativa
Espaço de apoio e aproximação aos pais.	Desejo
Melhor a creche do que pessoal não qualificado	Certeza
Espaço de adoecimento; sensação de vulnerabilidade.	Preocupação; culpa;
Conseqüências da decisão pela EI, ex. abandono do filho	Medo; angústia
Sobre o desconhecido	Insegurança; desconfiança
Relação professor/seu filho	Ciúme
Viver a separação inicial com o filho	Desespero; tristeza
Sensações freqüentes; os primeiros dias de inserção	Nervosismo; estresse; desconforto; inibição
O papel dos pais na escola	Sensação de desamparo, de estar perdido, sem referência

As filmagens demonstraram esta dinâmica claramente. Sensações positivas e negativas estavam presentes sendo possível observá-las na expressão dos pais observados. A relação que se estabeleceu durante o período de inserção parece ter sido pautada por constrangimento entre pais e professores, e com espontaneidade comprometida. Parecia que a presença dos pais em sala não tranquilizava as professoras, impedindo que interagissem naturalmente. Ambos interagiam diretamente com a criança, mas não entre si. A criança parecia ser o único elo entre pais e professoras, o que parece ser natural quando as pessoas ainda não se conhecem; e o foco da atenção de ambos. As interações ocorridas entre os pais e as professoras se referiam principalmente aos objetos da e cuidados com a criança, sendo estas, na maioria das vezes, iniciativa dos pais. Estes, durante o período de inserção, mostraram-se atentos, observando cuidadosamente o modo como as professoras interagiam com as crianças. A ausência de troca efetiva de impressões, informações e sugestões gera repercussões para a relação que está por se estabelecer. Por outro lado, se não há aprofundamento na compreensão daquilo que está acontecendo ali, veremos pais interagirem com seus filhos por pura insegurança e dúvida, como por exemplo, quando registramos uma mãe que, por diversas vezes, interrompia seu filho de suas observações e explorações para pegá-lo no colo re-afirmando o contato carinhoso com ele; e professoras buscando centrar-se

somente na criança. Esta mãe revelou que ao perceber o que estava fazendo, tentou se controlar procurando se sentir melhor naquela situação em prol do bem estar do filho e deixá-lo mais à vontade. Isto é, trabalhou sozinha com suas próprias ansiedades reagindo as medida de suas sensações.

A análise das filmagens nos mostrou também que os pais buscavam informação e orientação por parte das professoras e dos profissionais da instituição presentes ali, por meio de olhares, ações indiretas e constante observação, concentração e envolvimento com aquilo que estavam ali fazendo. O processo de inserção, assim como é feito nesta unidade, permite que os pais inicialmente fiquem em sala e que depois permaneçam na instituição, agora fora do alcance das crianças. A presença dos pais é estimulada até que percebamos que todos estão bem. Mesmo sendo esta a política vigente, desconfortos de ambas as partes são ainda registrados deixando a pergunta sobre como lidar com esta situação ainda sem resposta. Pouco contato é estabelecido antes do ingresso da criança e seus pais na sala. O conjunto de informações disponíveis deveria incluir indícios de uma compreensão mais alargada sobre o papel de educação infantil, principalmente nestes momentos de tensão, insegurança e expectativa. Pais e professores argumentam que as crianças acabam se adaptando e que os pais se acostumam logo com a nova vida. Será mesmo assim? Ou se acostumam com a dor e com sofrimento? A relação entre pais e professores também acaba se adaptando ao silêncio e angústia revelados pelos pais neste estudo e por professores quando têm chance de falar sobre a dificuldade de se relacionarem com as famílias. Não deveríamos analisar os custos destas adaptações? Ou pretendemos mesmo abandonar o termo “adaptação” para absorver a nova perspectiva de que o que a criança traz consigo deve ser devidamente considerada (sua cultura, relações e habilidades) e incluída como ponto de partida para nossas ações na EI?

O atendimento coletivo de crianças muito pequenas traz muitas dúvidas aos pais: será que as instituições conseguirão atender a todos os bebês? Não haverá frustração demasiada se os bebês chorarem durante um longo período de tempo? Conseguirão as professoras entender e interpretar o choro de tanta criança? E a individualidade de cada um? Serão capazes de perceber as diferentes necessidades? Será que os pais poderão participar e opinar sobre aquilo que querem e precisam? O que vem a ser esta parceria? E a alimentação? Como serão minimizados os perigos de adoecimento? O educar virá acompanhado de amor? Será possível amar a todos da mesma forma que os pais os amam? Como lidam com as disputas? Etc. etc... Estas dúvidas permanecem com eles ao

longo do ano e a tensão entre pais e professores parece se estender para além do necessário.

O dia-a-dia da creche é dinâmico. Os hábitos das crianças serão alterados (apesar de esforços para manter o mais próximo possível da rotina que o bebê está acostumado) e isto causa estranhamento por parte dos pais. A princípio, esperam ou desejam que a rotina de seus filhos seja alterada minimamente para garantir o mínimo possível de sofrimento e culpa, mas logo percebem que isto nem sempre será possível. Ajustes terão que ser introduzidos: o que é vivido coletivamente será gradualmente implementado e o que pode ser vivido individualmente poderá ser mantido em algumas situações (como por exemplo, o sono e alimentação). A percepção desta dinâmica pode ser causa da primeira tensão e descontentamento entre família e escola. Se não for trabalhado em parceria, por meio de comunicações abertas e acolhedoras, os ajustes podem continuar sendo pontos de discordâncias. Por meio de comunicações que esclarecem o processo de mudança, de inserção e de atendimento, tanto pais como professores poderão trabalhar seus sentimentos, suas possibilidades e limitações. Os pais trazem seus sentimentos para a escola (e algumas vezes conhecimentos específicos sobre educação de crianças pequenas) e em resposta recebem explicações racionais e previamente estruturadas para o coletivo permeada pela intencionalidade educativa. Pouco espaço é dado para o enfrentamento e compreensão destas mudanças a nível emocional. Eles nos apontam, nos revelam suas limitações, demonstram sua insatisfação e fragilidade, mas a resposta é automática, às vezes morosa, e quase sempre limitada por completa falta de alternativa. Diante das argumentações que os pais apresentam sobre suas decisões e conflitos, não será também pertinente que reflitamos sobre o impacto destas mudanças em períodos vulneráveis para pais e crianças (e é certo que para os professores também pela falta de formação nesta área para apoio e acolhimento) no desenvolvimento das crianças, de suas relações e conflitos? A mudança política de que a educação de crianças pequenas seja oferecida numa instituição, não terá impacto na estruturação das relações para estas crianças? Não será agora um novo momento também a nível desenvolvimental, isto é, o contexto de desenvolvimento destas crianças sendo o de lidar com dificuldades que até então eram vistas como domínio somente da família? Que o contexto de desenvolvimento, mesmo quando entendemos e levamos em consideração a cultura da escola e das famílias, é agora vivido de uma nova maneira, diferente daquelas em que as teorias de desenvolvimento até então analisaram? Não seria esta parceria uma oportunidade para o estudo de novas possibilidades

desenvolvimentais (Bronfenbrenner & Crouter, 1983) e de relações familiares e extra-familiares?

A revelação dos pais sobre seus sentimentos nos faz também redimensionar a trajetória educativa das crianças, pois estas passarão grande parte de seu tempo com um grande número de colegas e adultos, lidando com limites do coletivo institucionalizado, se ajustando às normas e se descobrindo no meio delas. Este é um novo contexto de desenvolvimento. Instituições preparadas para desenvolver rotinas de atividades planejadas para o coletivo, pais apresentando questões relativas à sua insegurança, à divisão de responsabilidades que gera culpa, e novas questões surgem sobre que tipo de ambiente preparamos para assegurar crescimento e desenvolvimento em moldes desejáveis. Mas, o que devemos esperar desta nova situação? A entrada da criança pequena traz consigo as relações familiares, o estado emocional e psicológico de todos ao redor dela e nos coloca diante de novos desafios e preocupações.

O desejo dos pais de confiar na estrutura oferecida chega a ser o ponto de partida da grande maioria, conforme nos relataram os pais deste estudo, mesmo quando revelam desconfiança ao chegar na instituição e ao observar certos aspectos e/ou elementos. A base da relação família-escola deve ser de confiança e a movimentação para acolher o desejo de confiança deveria ser o motor principal da escola. A análise do posicionamento dos pais mediante a situação de separação de seus filhos nos coloca diante de um novo cenário onde passamos a aceitar que o ambiente da criança pequena é hoje muito mais amplo e complexo do que aquele em que estávamos acostumados quando a educação infantil era espaço para poucos e especialmente para crianças entre 3 e 6 anos (Bronfenbrenner, 1996). Não será a hora de refletirmos sobre o espaço que a educação infantil ainda terá que ocupar? A ênfase no educar não afasta questões do cuidar e das reais preocupações que os pais e a saúde pública possuem. O assistencialismo, como foi praticado até algumas décadas atrás, não responde às novas demandas e a educação, assim como é postulada pelos documentos oficiais, também não lança sugestões sobre como enfrentar esta nova (velha) situação de, ao ampliar nossos serviços para a criança entre 4 meses e 3 anos, recebemos também a família com todas as suas situações, questões e culturas. A presente amostra de pesquisa ilustra esta nova situação por meio da apresentação dos seus sentimentos e das argumentações, mas é sabido que outras instituições de educação infantil enfrentam questões semelhantes a estas talvez até com agravamentos em decorrência da situação socioeconômica em regiões de baixíssima renda e escolaridade e alta densidade demográfica. A reflexão

aqui apresentada se estende a elas também, uma vez que as expectativas dos pais são exacerbadas em decorrência de suas condições de vida. A qualidade do contexto de desenvolvimento, nestas situações de privações, se agrava e traz conseqüências para a Educação Infantil também e que muitas vezes se traduzem na qualidade das relações entre família e escola, pais e professores.

### **Considerações finais**

Não é novo o conhecimento de que os pais se sentem inseguros quando se separam de seus filhos em qualquer etapa da vida em que eles estejam. É novo, no entanto, o enfrentamento desta vivência quando crianças pequenas vão para a escola seja por opção ou falta de alternativa da família. É fato que pouco sabemos sobre como (ou somos capacitados para) lidar com estes sentimentos e situações que os pais hoje em dia têm que enfrentar, especialmente se estão sozinhos com seus filhos (no caso de separação, pais solteiros, etc.). É fato também que a implementação da política de EI como direito da criança e opção da família altera as relações familiares trazendo novos desafios para todas as partes. A EI não pode mais lidar com os pais sobre questões que dizem respeito somente ao funcionamento da escola e da sua capacidade (restrita) de compartilhar com os pais suas dificuldades e limitações. Rinaldi (2002) salienta que a escola deve ser um espaço integrado à família. Neste sentido, a EI se apresenta como mais um recurso da sociedade para o crescimento do cidadão (assim como as outras instituições disponíveis para o cidadão, ex. biblioteca, museus, praças, etc.) e por isso deve ser vista, por princípio, como parceira da família. A parceria não se fundamenta na idéia romântica de que a escola é a complementação da família, nem na idéia de que a escola fará o que a família não está apta para fazer, pelo contrário, a escola fomentará uma relação entre eles enfatizando as possibilidades de interação com os recursos que a sociedade nos dispõe e com os nossos recursos (subjetivos e/ou não). A função social da escola, especialmente a da EI, passa a ser a de criar um espaço para aprendizagens, experiências e relações entre todos os envolvidos e não somente lugar de aprendizagem de conteúdos e habilidades específicos. Não haverá a primazia de apenas um dos aspectos que a educação pode englobar, mas sim da relação entre os vários aspectos educativos que produzirão efeitos para todos envolvidos.

A escola não só é um espaço de desenvolvimento, mas também um espaço de inclusão social e de construção de novas culturas, na medida em que, ao traçar parceria

com os pais, pode ampliar seus conhecimentos sobre: as possibilidades nas relações pais e filhos; os recursos que podem auxiliá-los na educação das crianças; e novas relações com outros da comunidade, etc. Os sentimentos experimentados pelos pais desta pesquisa, apesar de a amostra ser limitada tanto em número quanto na diversidade social e econômica, nos revelam o quanto ainda precisamos aprender sobre o alcance da EI e seus impactos na vida das famílias enquanto provedores e fomentadores (contexto) de desenvolvimento. Os desejos, sentimentos e preocupação destes pais (e ainda, no caso dos de comunidades mais empobrecidas) sinalizam que é preciso organizar e fomentar a parceria com os pais, que significa a reunião de esforços para que as crianças, na sua individualidade, identifiquem e aproveitem o largo espectro de oportunidades de crescimento e desenvolvimento a que estão expostas e que estas não sejam transformadas em simplesmente lugar de experiências desconectadas de suas reais possibilidades próprias. A parceria é lugar de apresentações, de interpretação, de análise conjunta, de compreensão sobre o que é crescer estando sempre expostos ao coletivo desde a mais tenra idade. Os desejos dos pais resumem a natureza da parceria.

**Desejo dos pais que:**

- as necessidades dos filhos sejam atendidas;
- a coletividade não se sobreponha à individualidade;
- a escola conheça bem seus filhos;
- seus filhos se sintam bem em sala;
- a relação com os professores seja de mútua confiança e respeito;
- as normas da escola sejam claras e consistentes;
- haja espaço para exposição de dúvidas e inseguranças gerando possibilidade de mudança;
- haja acolhimento para seus sentimentos;
- a liderança seja compreensiva e sensível às questões familiares de todos os estratos sociais;
- o compartilhar reúna recursos e não apenas divida as responsabilidades;
- as questões educativas se somem à outras questões como a saúde das crianças;
- a relação entre família e instituição seja significativa e que haja troca e apoio mútuo.

Os pais relataram ter sentido “*uma dor imensa*”; “*uma tristeza horrorosa*” e “*vontade de chorar*” ao imaginarem que teriam que deixar os filhos em creches e quando vivenciaram a inserção. Alguns pais concordam que a EI seria a melhor opção, mas que seus sentimentos não acham apoio e conforto emocional. A frustração é intensa. Os pais demonstraram preocupação com a possibilidade de sofrimento de seus

filhos para além do é necessário nesta etapa da vida. Um ciclo se instala: a criança demonstra algum desconforto, os pais se sentem inseguros, e a instituição não se prepara para lidar com as questões emocionais deste momento. A consequência disso é uma relação distante, tensa com alguns episódios de conforto e proximidade e sem perspectiva de bom aproveitamento da situação implementada como uma política nacional. Rinaldi (2002) coloca que a escola deve ser um espaço integrado à família, relacionando os diversos sistemas. Bronfenbrenner (1985) defende que colocar uma criança na creche tem efeitos tão importantes na criança como também na família. Continua dizendo que ao oferecermos este sistema à família, deveríamos nos preocupar em favorecer efetivamente a relação entre pais e filhos e que sob a influência da entrada de seu filho na escola, sua dinâmica e estrutura familiar assim como seu espaço físico pode sofrer alterações que, se bem entendidas, promoverão interações cada vez melhores. A EI, definitivamente, desencadeia mudanças importantes no formato e trajetória de desenvolvimento e educação das crianças. Resta-nos tentar acompanhar esta mudança aprofundando as relações institucionais – família e escola no sentido de nos responsabilizarmos por aquilo que acreditamos ser a política certa neste momento social e histórico.

### **Bibliografia**

ALMEIDA, L.S. *Construção de relações e produção de subjetividade na creche*. EICOS - IP / UFRJ, internet, 2002.

BHERING, E. Parental involvement in Brazilian pre and primary schools. Tese de Doutorado, Institute of Education, University of London, Inglaterra, 2000.

\_\_\_\_\_, DE NEZ, T. Envolvimento de pais em creche: possibilidades e dificuldades de parceria. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2002, 18(1), p.63-73.

\_\_\_\_\_; MACHADO, G. Um estudo sobre encontros diários entre professoras e pais em duas instituições de educação infantil. In: *27ª ANPED - 2004, Caxambu*. Anais da 27ª Reunião Anual da ANPED, 2004.

BLATCHFORD, P. *et al.* *The first transition: home to preschool.* Windsor: NFER-NELSON, 1984.

BOVE, C. Inserimento: uma estratégia para delicadamente iniciar relacionamentos e comunicações. In.: GANDINI, L.; EDWARDS, C. *Bambini - A abordagem italiana à educação infantil.* Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 134-149.

BOWLBY, J. *Apego.* São Paulo: Martins Fontes, 1984a.

\_\_\_\_\_. *Separação- angústia e raiva.* São Paulo: Martins Fontes, 1984b.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei no 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRONFENBRENNER, U (1985) The future of childhood. In: *Making human beings human: bioecological perspectives on human development.* 2005, p.246-259. California: Sage Publications.

\_\_\_\_\_ (1988) Strengthening family systems. In: *Making human beings human: bioecological perspectives on human development.* 2005, p.260-273. California: Sage Publications.

\_\_\_\_\_ Who cares for children? In: *Early Childhood Education.* Paris: Unesco-Unicef-wfp co-operative programme, 1989.

\_\_\_\_\_ ; CROUTER, A C. The Evolution of Environmental Models Developmental Research. In.: *Handbook of Child Psychology.* Ed Mussen, Fourth Edition, V 1. New York: Wiley,1983, p. 357-414

\_\_\_\_\_ ; MORRIS, P. The Ecology of Developmental Processes. In, *The Handbook of Child Psychology.* Eds. William Damon e Richard M. Lerner, V 1. John Wiley & Sons. Inc. 1998, p.993-1028.



EPSTEIN, J., DAUBER, S. School programs and teachers practices of parental involvement in inner-city elementary and middle schools. *The Elementary School Journal*, n3, 1991, p. 289-305.

HORNBY, G. The organization of parent involvement. *School Organization*. 2 & 3 (10), p. 247-252.

MANTOVANI, S., TERZI, N. A inserção. In.: BONDIOLI, A., MANTOVANI, S. *Manual de Educação Infantil: de 0 a 4 anos – uma abordagem reflexiva*. 9ª edição. Porto Alegre: ARTMED, 1998, p. 173-184.

\_\_\_\_\_. Milão: Satisfazendo novos tipos de necessidades familiares. In.: GANDINI, L.; EDWARDS, C. *Bambini - A abordagem italiana à educação infantil*. Porto Alegre: ARTMED, 2002, p. 93-104.

MILES, M B; HUBERMAN, A M. *An expanded sourcebook: qualitative data analysis*. 2ª edição. London: SAGE Publications, 1994.

POST E.; HOHMANN, M. A equipa de educadores em parceria com os pais. In.: *Educação de bebês em infantários – cuidados e primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, p.299-358.

RAPOPORT, A., PICCININI, C. Concepções de educadoras sobre a adaptação de bebês à creche. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2001a, 17(1), p.69-78.

\_\_\_\_\_. O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: alguns aspectos críticos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 2001b, 14(1), p.81-95.

RINALDI, C. Reggio Emilia: a imagem da criança e o ambiente em que ela vive como principio fundamental. In.: GANDINI, L.; EDWARDS, C. *Bambini - A abordagem italiana à educação infantil*. Porto Alegre: ARTMED, 2002, p.75-80.

ROSSETTI-FERREIRA, *et al.* A creche enquanto contexto possível de desenvolvimento da criança pequena. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento*. 1994, IV(2), p. 35-40.